

## PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCATIVAS NO CUMBE/ARACATI: ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA

JOÃO LUÍS JOVENTINO DO NASCIMENTO (JOÃO DO CUMBE)  
Mestrando em Educação – UFC. E-mail: joaodocumbe@yahoo.com.br .

IVAN COSTA LIMA  
Prof. Dr. Adjunto I – UFPA. E-mail: dofonosc@gmail.com.

FERNANDA LÍCIA DE SANTANA BARROS  
Mestranda em Educação – UFC. E-mail: nandalicia@yahoo.com.br

*“Cumbe, pedaço da história.  
Que a natureza criou.  
Trago na minha memória.  
O que o tempo me ensinou”.*  
(Trecho da letra do Hino da comunidade)

### Introdução

Neste trabalho em conjunto, apresentamos nossa temática de pesquisa à comunidade do Cumbe/Aracati, comunidade tradicional considerada por alguns estudos como de descendência negra/quilombola, que durante muitos anos foi discriminada, por ela está situada junto do manguezal e ter nele a base da sua sobrevivência. A ideia que a maioria das pessoas tem sobre o mangue é de ser um lugar nojento, fedido, cheio de mosquitos e sem importância.

Para conduzir ao conhecimento desta comunidade utilizamos como principal fonte de informações as lembranças coletivas e os estudos apresentados por um de seus moradores, João do Cumbe, pesquisador e, que também contribui na escrita do texto.

Assim a afirmação acima sobre a ideia da comunidade toma consistência quando recorremos às memórias de vida do João:

*Recordo do tempo que fui estudar no Aracati e que tinha vergonha de falar que morava no Cumbe/Aracati, justamente por esse preconceito que as pessoas tinham do lugar”.*

Diante desta situação, o mesmo relembra a necessidade de tornar a comunidade como legado importante por sua história e diferentes patrimônios materiais, muitos reconhecidos por estudos de diferentes áreas de conhecimento, conforme dialoga:

*Foi quando, comecei a pesquisar a(s) história(s) e memória(s) do Cumbe/Aracati, além das suas práticas culturais e educativas. Fui percebendo sua importância histórica, cultural e econômica pra época. A partir de então, comecei a mostrar o outro lado da(s) história(s) e memória(s) das pessoas que formaram esse povoado. Sempre que alguém perguntava onde fica, “o que significa a palavra “Cumbe”?” Lá estava eu contando as histórias, memórias e as lutas das pessoas pela defesa do território comunitário. De repente, estava recebendo estudantes do ensino fundamental, médio, universitários/as, professores/as historiadores/as, alunos/as dos cursos profissionalizantes, mestrandos/as e doutorandos/as, para conhecer as histórias e memórias do Cumbe/Aracati, suas lutas de resistências aos projetos de carcincultura e a instalação dos parques de energia eólica, fazendo um “passeio ou trilha” pelo mangue, comunidade, dunas, sítios arqueológicos, histórias e memórias coletivas.*

Esta trajetória pode contribuir, ainda, na compreensão da força do movimento identitário para os propósitos de uma educação, que leve em consideração elementos histórico-culturais, pois como salienta Joutard (1992, p. 43) “a memória é um elemento constitutivo da identidade”. A partir do momento em que a memória coletiva é construtora de identidade, ela age como um elemento de coesão social dentro de uma determinada organização. Para Pollak (1992) o conceito de identidades coletivas está ligado a todos os investimentos e trabalhos que um grupo ou pessoa realiza ao longo de um tempo no sentido de despertar para um sentimento de continuidade e coerência em sua reconstrução de si, para si e para os outros. O coletivo é essencial para a construção da identidade, pois, como afirma o autor, “ninguém pode construir uma autoi-

magem isenta de mudanças, de negociação, de transformação em função dos outros”.

Assim, podemos dizer que o processo de rememorar (que não quer dizer reviver os fatos) e reconstruir o passado a partir das referências e experiências individuais e coletivas têm servido para garantir a continuidade histórica.

Não podemos deixar de falar do patrimônio imaterial presente nas memórias e histórias da comunidade do Cumbe. Neste, destacamos os seguintes:

- as tradições locais como a queima de Judas, as quadrilhas juninas, a pesca de caranguejo e marisco no manguezal, a coleta do murici e caju nas dunas, a lavagem de roupas e lazer nas lagoas temporárias nas dunas, etc.
- as celebrações: como a festa do padroeiro, as novenas, os calungas – grupo de jovens que apresenta um teatro de bonecos, os presépios e os papangus – pessoas que se fantasiavam durante o carnaval para fazer medo nas crianças.
- suas histórias e lenda, seus saberes e fazeres, como o labirinto – renda tecida pelas mulheres, as embarcações e os apetrechos de pesca, as pescarias de peixes, a culinária tradicional, as brincadeiras, o lazer, e os “lugares de memórias” dunas, gamboas, manguezal, rio, levadas – córregos, lagoas, a igreja, a Santa Cruz – cemitério e o campo de futebol que são os locais onde as pessoas se reúnem para criar e recriar práticas coletivas.

Aproximadamente 110 localidades se distribuem ao longo da zona costeira cearense, registrando-se em muitas delas a presença de comunidades tradicionais (TUPINAMBÁ, 1999). Estas se caracterizam por modos de vida, onde as relações com as dunas, o mar e com os manguezais constituem a base de sua cultura. Neste território comunitário é que se realizam várias atividades coletivas,

como de captura, sendo a pesca de caranguejos, mariscos e peixes no estuário do rio Jaguaribe, a principal atividade desenvolvida.

Neste contexto, então, o conhecimento tradicional aqui definido “como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração ganha um lugar de centralidade (DIEGUES & ARRUDA, 2001, p.32). Portanto, pescadores/as, agricultores/as e artesões, são povos com o modo de vida essencialmente tradicional que dependem da preservação dos recursos ambientais, sejam práticas ou simbolicamente para manutenção de suas vidas.

A pesquisa desenvolvida na Comunidade do Cumbe/Aracati demonstra, que as atividades tradicionalmente desenvolvidas na Zona Costeira de uma forma geral (quer local, regional ou nacionalmente), pouco a pouco, a exemplo da pesca artesanal e artesanato, vão sendo substituídas em muitas localidades, por novas atividades econômicas, que obedecem à lógica desenvolvimentista e ameaças a persistência de modos de vida, pois desconsideram a heterogeneidade social, econômica e cultural das populações locais (QUEIROZ 2007).

As novas atividades ameaçam a existência destas comunidades por que além de contribuir para a desorganização das atividades tradicionais, criando novas relações de trabalho, têm impulsionado um processo de expropriação das terras, das águas, do território e, conseqüentemente, gerado a degradação do modo de vida das comunidades (TUPINAMBÁ 1999).

Acompanhando-se as transformações ocorridas ao longo dos anos na comunidade do Cumbe/Aracati, com a chegada de três grandes projetos: – A Companhia de Água e Esgoto CAGECE (1977) retirada de água das dunas para abastecimento da população do Aracati, a carcinicultura (1996) criação de camarão em cativeiro em área de manguezal e os parques de energia eólica (2008) cujos aerogeradores foram instalados sobre o campo de dunas destruindo diversos sítios arqueológicos e privatizando a área, chamado de

projetos “desenvolvimentistas” ou “progresso” percebe-se perdas de fragmentos da(s) memória(s) e da(s) história(s) local, fatores primordiais para a defesa da identidade territorial, que aqui serão recolocados como integrantes do patrimônio cultural acumulados por esta comunidade e que compõem um museu a céu aberto.

Assim, pretendemos levar o leitor a fazer uma trilha pelo Cumbe/Aracati, contar as histórias e memórias de um povo que vem lutando diariamente pela defesa do seu patrimônio natural, e assim, continuar vivendo seu modo de vida tradicional respeitando sua diversidade cultural e o meio ambiente. Tentar fazer, inclusive, com que a própria comunidade valorize suas memórias e, não perdendo seus vínculos identitário.

### **Histórias, Memórias e Práticas Culturais e Educativas da Comunidade do Cumbe/Aracati-CE**

Do ponto de vista histórico a comunidade do Cumbe/Aracati se integra as preocupações com a ocupação do nordeste brasileiro por holandeses e franceses, o governo português permitiu em 1680, através das Cartas de Sesmaria, a ocupação da atual região de Fortaleza e do Rio Jaguaribe. Aracati surgiu em 1701 e em 1714 elevou-se a vila de Santa Cruz do Aracati(DANTAS, 2009). Segundo o historiador Antônio Bezerra (1902, p. 136), a cidade de Aracati tinha diversos engenhos, que produziam aguardente. Estavam situados à margem do rio Jaguaribe na localidade do Cumbe e localidades vizinhas. O Cumbe ficou conhecido no Ceará inteiro por produzir a melhor cachaça do estado. Era afamada a cachaça produzida nos engenhos dos sítios do Cumbe.

No final do século XVIII, o Cumbe contava com nove engenhos trabalhando dia e noite na produção da cachaça e rapadura. Chamou a atenção da Expedição Científica do Império de 1859, conhecida como Comissão das Borboletas pela utilização dos moinhos de vento feito artesanalmente de carnaubeira para irrigar o plantio de

cana-de-açúcar, onde seu uso era desconhecido na própria província e no resto do território nacional (PINTO, 2009, p.35).

Em relação à origem da denominação de comunidade do Cumbe, assim descreve Alex Ratts (2000, p.24); "Cumbe palavra de origem africana ou afro-brasileira que significa quilombo. Cumbe é o nome que, na Venezuela, se dá aos quilombos – comunidades formadas por negros no período escravista. Mucambo ou mocambo tem o mesmo sentido". Podemos assim concluir, que a região jaguaribana aponta diversos lugares com referência africana ou afro-brasileira, onde a diversidade racial e cultural pode ser percebida em diversas situações.

Segundo Nascimento (2011), embora nas suas histórias, memórias e atividades diárias apresentem elementos da cultura africana, e alguns pesquisadores/as apontem a comunidade como sendo uma comunidade de ascendência negra/quilombola, o povo que vive aqui não se reconhece, mas fala da história dos negros.

A data da sua formação se compara com a ocupação do Jaguaribe pela margem direita a partir das últimas décadas do século XVII, e formam-se ali várias oficinas de carne seca ou carne do Ceará, como ficou conhecida a indústria do charque (DANTAS, 2009). As histórias do Cumbe muitas vezes se confundem com a história do Aracati, basta pesquisar um pouco sobre a história do Aracati antigo e veremos algumas páginas da história do Cumbe escrita e contada pelos mais velhos.

Contam os mais velhos que existem duas aquarelas do Cumbe no Museu Imperial feita pelos pintores desta comissão. São muitos os relatos das histórias e memórias do Cumbe contada pelos mais velhos que merecem um capítulo a parte.

A comunidade é composta por 168 famílias aproximadamente, formadas na sua maioria por pescadores/as, agricultores/as e artesões, fica a 12 km da sede do município de Aracati e a 172 km da capital do Ceará. É a última comunidade na margem direita do Rio Jaguaribe e suas ilhas. Cercada por manguezais, gamboas, rio e ilhas do

Jaguaribe, carnaubais, campo de dunas móveis e fixas, lagoas periódicas nas dunas e o mar. Seu acesso se dar pela sede do município através de uma estrada carroçal, pelas dunas saindo de Canoa Quebrada de bugre ou de barco saindo do município do Fortim. Suas principais atividades são a cata do caranguejo, a pesca de peixe de redes e currais artesanais, a mariscagem de ostras, sururu e intam, o artesanato de palha de bananeira, raízes, coco, carnaubeira, o labirinto, pequenos comércio, agricultura familiar, criação de animais e turismo.

O Cumbe tem um modo de vida tradicional ligado ao meio ambiente, formando assim, a única área de proteção ambiental do município de Aracati – APA municipal de Canoa Quebrada. Seu patrimônio ambiental é bastante diverso – Rio Jaguaribe com suas ilhas, imenso campo de dunas fixas e móveis, diversas gamboas, carnaubais, lagoas interdunares, contento assim uma rica e diversificada flora e fauna nativa.

### **Patrimônio Cultural do Cumbe/Aracati, Elementos Primordiais para Identidade e Defesa do Território Comunitário**

A realidade do Cumbe/Aracati, não é diferente das muitas comunidades da zona costeira do Ceará. Com uma rica diversidade de ecossistemas, a relação do povo com o território comunitário é bastante diversa, o que o torna diferente das demais.

No seu patrimônio cultural material podemos citar: as casas de taipa<sup>1</sup>, a Santa Cruz – lugar sagrado de oração e promessa, datado de 1900 hoje atual cemitério, resquícios dos engenhos de cana-de-açúcar, os moinhos de ventos todo feito de carnaúba, a quarta Igreja católica com a invocação do Senhor do Bonfim, os sítios arqueológicos nas dunas, que datam de cinco a dez mil anos antes de Cristo, comprova realmente a época da ocupação da região do Cumbe/Aracati, a roda d'água, os quintais produtivos, os objetos

<sup>1</sup> Casas onde as paredes são construídas com madeira e argila (barro).

sacos e o sino da igreja católica. E estes são apenas alguns exemplos dos elementos que compõem as histórias e as memórias dessa comunidade que secularmente habita esse território comunitário na região do Aracati/Ceará.

Desde a vida tranquila com fartura dos sítios e engenhos de cana-de-açúcar aos banhos de lagoas, a festa do padroeiro Senhor do Bonfim, as apresentações dos Calungas e dos presépios que encantavam a todos/as, até a contra dança<sup>2</sup> chamava atenção de todos pelos seus passos iguais, os papangús que metiam medo na criança e nos adultos, enfim, a vida no Cumbe antigo era bastante animada e todos se divertiam sem prejudicar uns aos outros. Com o passar dos tempos à tranquilidade foi mudando aos poucos com a chegada dos projetos desenvolvimentistas como a CAGECE, a carcinicultura e os parques de energia eólica, que cercam tudo, desmatam a vegetação nativa, degradam a natureza e os recursos naturais privatizando o território comunitário.

Em 1974 foi construída a Ponte da Canavieira, ligando o Cumbe com a cidade do Aracati. Chega o primeiro carro no Cumbe e com isso não era mais necessário tirar a roupa e atravessar a nado um braço do rio Jaguaribe, para chegar ao Aracati.

Com isso, também começou a mudar os meios de transportes da comunidade, das viagens a pé, aos comboios de burros e jumentos para carroças, bicicletas e carro. No fim da década de 70, o Cumbe passa a fornecer água potável para o município de Aracati e com a retirada excessiva de água das dunas começa a mudar toda paisagem da região e a relação com as lagoas interdunares<sup>3</sup>. Como nos conta o João do Cumbe:

*As lagoas que antes permaneciam cheia de um ano para outro, agora começam a secar. A fauna e flora da comunidade começa a mudar, desaparecer e a morrer, acabando assim com costumes tradicionais, como as de lavar roupa nas lago-*

<sup>2</sup> Dança realizada pelos homens durante o carnaval.

<sup>3</sup> Lagoas temporárias que se formam no período das chuvas no campo de dunas.

*as, passar o dia pescando, plantar nas vazantes e a de ouvir e contar a lenda do El Rei Dom Sebastião com sua cavalaria passeando pelas dunas ao som dos seus tambores de guerra, "o encantamento dos morros". O som que se ouve agora é o som das máquinas desmontando dunas, aterrando lagoas, compactando o solo, e dos aerogeradores do parque de energia eólica. Ironicamente, energia que ninguém da comunidade tem acesso ou vai usar".*

### **Práticas Culturais, Instrumento para Defesa do Território Comunitário**

“Quem ama cuida e quem conhece defende”. Partindo desse pressuposto, queremos aqui fazer uma reflexão sobre a importância dos filhos e nativos das comunidades, sobre o conhecimento da história local, para só assim, começarmos a lançar bandeiras de lutas coletivas para defesa dos territórios comunitários. O homem atua no meio de acordo com a sua cultura, bem como com a estrutura de sua organização social e econômica. Ele intervém na natureza como uma forma externa ou como essência, característica de si mesmo e essa intervenção é chamada de cultura, já que a palavra “cultura” tem por significado o cuidado do homem com a natureza, o cultivo (PINTO, 2009, p.14).

Desta forma, as práticas culturais, as histórias e as memórias coletivas dos sujeitos históricos, que formam as comunidades tradicionais, são pontos importantíssimos para ampliarmos o debate de cultura popular em torno da defesa dos territórios comunitários. As transformações sociais com que essas comunidades e sua gente passam com a invasão e degradação dos espaços coletivos nos permite fazer uma crítica sobre o modelo de desenvolvimento imposto a essas comunidades. Que muitas vezes não são ouvidas sobre a implantação desses projetos, o que vem ocasionando diversos conflitos socioambientais e perdas de seus modos de vidas. O modelo de desenvolvimento hoje posto no Brasil e no mundo, só leva em conta a questão do lucro para os empresários, socializando os problemas para os demais grupos.

## Considerações Finais

Após, algumas discussões sobre as práticas culturais e educativas, a partir das histórias e memórias coletivas da comunidade do Cumbe/Aracati, concluímos sua importância como instrumento de transformação social, ligada à questão ambiental e a defesa do território comunitário. Entendemos ser onde o educador e pesquisador popular podem assumir papel fundamental junto com a comunidade, de melhor cuidar do seu patrimônio cultural e natural, como também para lutar pela defesa do seu modo de vida tradicional, valorizar seus costumes e tradições e, principalmente, percebê-las como práticas culturais e educativas.

A valorização da cultura e do meio ambiente local, a conquista da cidadania, a participação popular em diversos espaços, o desenvolvimento comunitário, o turismo comunitário solidário, o respeito às diversas manifestações culturais e a educação ambiental informal, constituem elementos de valorização das histórias e memórias coletivas. Assim, concluímos, argumentando da importância das histórias e memórias coletivas da comunidade do Cumbe/Aracati, no enfrentamento dos diversos projetos que se instalam no seu território comunitário. Desta forma, a luta da comunidade, é reforçada para que suas memórias e histórias não sejam destruídas pelo modelo de desenvolvimento capitalista, e possam encontrar meios de resistências ao atual modelo, que não precisem destruir o meio ambiente e a história local, onde cada um possa ser sujeito de sua própria história.

## Referências Bibliográficas

BEZERRA, A. *A cidade de Aracati*. Almanaque Administrativo Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará, para o ano de 1902, confeccionado por João Câmara, v. 8, 1901.

- DANTAS, S. M. S. *Memórias e Histórias de Quilombos no Ceará*. 2009. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, FAGED/UFC, Fortaleza, 2009.
- DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V. (Org.). 2001. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.
- JOUTARD, Philippe. *Desafios à história oral do século XXI*. Trad. Paulo Garcher. In: X Conferência de História Oral. Rio de Janeiro, 1998.
- NASCIMENTO, João Luís Joventino. *Nas trilhas da memória e da história: Cumbe, um museu a céu aberto*. TCC (Especialização em Museologia) área de conhecimento educação. Faculdade Vale do Jaguaribe – FVJ, Aracati – Ceará, 2011.
- PINTO, M. F. *Aspectos etnobiológicos na Comunidade Sítio Cumbe às margens do estuário do Rio Jaguaribe – Aracati – CE*. (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, CE. 2009.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade. *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- QUEIROZ, L.de S. *Na Vida do Cumbe há Tanto Manguê: As Influências dos Impactos Socioambientais da Carcinicultura no Modo de Vida de uma Comunidade Costeira*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/UFC, Fortaleza, 2007.
- RATTS, A. J. P. A “*fábula das três raças*” no Vale do Jaguaribe. *Propostas Alternativas*. Vale do Jaguaribe. Natureza e Diversidade Cultural – II. Vol. 07. 2000.
- TUPINAMBÁ, S. V. *Do tempo da captura à captura do tempo livre – terra e mar: caminhos da sustentabilidade*. Fortaleza: Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/UFC, Fortaleza, 1999.